

CLARICE 30 ANOS DEPOIS

Affonso Romano de Sant'Anna

Em 1984 escrevi a crônica “Sete anos sem Clarice” contando umas estorinhas que vivi com ela. Agora em 2007, 30 anos depois de sua morte, vou me lembrando de outros casos. Esta é uma das vantagens de se viver muito, a gente acaba tendo algo que contar.

Conheci-a em Belo Horizonte, creio que em 1962. Eu era estudante de Letras, havia escrito um ensaio sobre ela. Quando ela foi lançar “A maçã no escuro” na Livraria Francisco Alves, dirigida pelo prof. Neif Safady, fui convidado para fazer um discursinho introdutório na sua tarde de autógrafos. Encontrei-a antes no Hotel Normandy. Linda mulher. E forte. E misteriosa.

Depois dos autógrafos fomos jantar num restaurante chinês perto da Praça Raul Soares. Ivan Ângelo e Mariângela estavam conosco. E como seguíssemos falando sobre “A maçã no escuro”, o garçon, na hora da sobremesa, ouvindo aquela referência interveio:- “Perdão, a maçã está escura, mas não está estragada”.

Quando mudei-me para o Rio passamos a ter mais contato, pois eu dirigia ao Departamento de Letras e Artes, e várias vezes a atraí para congressos, conferências, e até para um curso de criação literária. Quando me casei com Marina, que editava as crônicas dela no Jornal do Brasil, conhecemos uma cartomante incrível, lá no Méier, chamada Dona Nadir. Fui falar da cartomante à Clarice e, pronto, ela ficou indócil. Fez-nos prometer que a levaríamos ao Méier. E de fato a pegamos um dia na portaria de seu prédio, no Leme, e fomos ao encontro daquela que acabaria virando personagem de “A hora da estrela”, e, no cinema, seria representada por Fernanda Montenegro. Clarice ficou fã de Dona Nadir, voltou lá várias vezes.

Às vezes tínhamos longas, engraçadas e ociosas conversas ao telefone. E ela tinha coisas insólitas. Um dia me ligou dizendo: -“Affonso, não consigo mais escrever. Você que lê e estuda, podia me recomendar coisas e conversar comigo”... Eu ouvindo aquilo e dizendo: -“Quequêsso, Clarice! Eu, heim! Te ensinar alguma coisa!...” Tempos depois soube que ela dava esse telefonema para várias pessoas, até para seu cabeleireiro – o Renault- no Copacabana Palace.

Um dia ela queixou-se de nunca ter sido convidada para jantar em nossa casa. Explicamos que não a convidávamos por pudor. Mas organizamos o jantar só com pessoas que ela gostaria de ver. Marcamos até um horário mais cedo, como ela pediu. Fui buscá-la, ela chegou, estavam todos lá, os seus amigos. Mas daí a uma meia hora ela disse que estava com dor de cabeça, que queria ir embora. Não teve jeito. Levei-a à sua casa. E as pessoas compreenderam que ela era assim mesmo.

Há um livro de entrevistas que ela fez para a revista “Manchete”, que acaba de sair. Naquela ocasião ela me telefonou e disse que queria me entrevistar, mas queria que eu mesmo me fizesse as perguntas. Fiquei constrangido. Não me entrevistei.

Um ano antes de sua morte, convidou-me a mim e à Marina para entrevistá-la para o Museu da Imagem e do Som. Sabia que não a ameaçávamos, que a protegíamos, que não íamos fazer algo acadêmico. Ela estava alegre e até contou piadas. Hoje essa entrevista está traduzida para outras línguas e é o melhor depoimento sobre sua vida e obra.

Fui visitá-la no Hospital da Lagoa, em 1977, nos seus últimos dias. Depois soube que fui o único homem que ela admitiu que a visitasse. Ali ela diria ao seu médico: “O senhor matou o meu personagem”.

Quando dirigi a Biblioteca Nacional e foi divulgado que entre as obras raras da casa havia os pentelhos que D. Pedro I anexara numa carta à Marquesa de Santos, o prof. Antonio Salles me contactou revelando que havia recolhido cabelos de Clarice, quando ela, na casa do prof. Celso Cunha, instou para lhe cortassem o cabelo igual ao de uma das filhas de Celso. Salles, vendo aquela cena rara, recolheu mexas do cabelo da escritora. E agora os oferecia. Aceitei a oferta. Estão lá na BN. Se um dia a ciência conseguir desvendar o DNA dos gênios, encontrará um bom material nos cabelos de Clarice.

CARTA PARA CLARICE

Clarice, querida:

O Fernando acaba de publicar as cartas que você e ele trocaram entre 1946-1969. O livro virou um sucesso imediato. Já vai para a segunda edição e o Sabino está numa felicidade de juntar menino. Ele merece. Andou meio recluso nos últimos anos. E assim como tem gente que tem dedo verde e outros, o toque de Midas, ele tem essa virtude: o que publica é best-seller. De maneira que você ia achar estranho que aquelas coisas tão

personais, aquelas elocubrações sobre a vida e a arte, pudessem cerca de 50 anos depois vir a público, e mais: deixar as pessoas fascinadas. Fascinadas e invejosas. Invejosas de uma inveja construtiva, é claro, como a minha. Fui lendo o que vocês se escreveram e pensando que o livro serve a vários tipos de leitores. Para o escritor jovem é uma humilde e sucessiva aula de como escritores da dimensão de vocês sofrem para achar seu caminho e elaborar a obra. Instrutivo aquilo que Fernando considera como “tentações da facilidade” no fazer literário e as ironias sobre o “escritor muito inteligente”.

Para o escritor já maduro é oportunidade de compartilhar angústias que também teve (e tem), como se estivesse numa santa ceia literária. Vocês mesmo ficam pasmos quando descobrem que um Julian Green em seu diário havia dito coisas sobre a escrita e a morte, que eram iguais às que pensavam ser só suas. Em terceiro lugar, o livro vai interessar a um público que não é nem de jovens nem de velhos escritores, mas de pessoas sensíveis que acompanham o que Fernando chama de “movimentos simulados” da alma humana. A primeira coisa que pensei foi essa: como é que esses dois danadinhos, Fernando com 23 anos, você com 26 já tinham tal maturidade e responsabilidade diante do fenômeno da criação e do compromisso literário. Neste sentido, esse volume de “Cartas perto do coração”, remete para “Cartas a um jovem escritor”, que Fernando publicou em 1982, reunindo missivas que Mário de Andrade lhe enviou. Mas que sortudo esse Fernando. Aliás, não é sorte, eu sei. Que aguda percepção dele estabelecer esse diálogo com duas pessoas de tão alta estirpe criativa.

Imagino um proustiano apaixonado lendo naquela sua carta de Paris que “a Albertina de Proust ainda existe e tem um restaurante, só que Albertine é um Albertino, sempre foi, e hoje está bem gordo, com grandes bigodes. Albertino era um rapazinho empregado no hotel Ritz e Proust fez uma ótima transposição colocando o caso todo com uma mulher”.

Engraçado que às vezes, sobretudo nas primeiras cartas, vocês passaram-me a impressão, que a força criativa borbulhava juvenilmente de tal modo, que essas cartas se transformavam em crônicas, pedaços de poemas, diário e experimentação de linguagem. Claro que há algumas cartas mais informativas. Mas há também aquelas anotações curiosas, imagine! 30 páginas, de cortes e alterações que Fernando sugeriu para “A maçã no escuro”. Ah! se todo escritor pudesse ter um amigo que fizesse esse laboratório de textos.

Fernando já havia em outros livros- “O tabuleiro de damas”, por exemplo, traçado o percurso de sua formação intelectual. Mas quanto a você, Clarice, as coisas estão esparsas em

entrevistas e em muitas teses e biografias. Mas essas cartas tornam mais claro o percurso de cada um, e no seu caso, interessante saber de músicas que ouvia, teatros a que assistia, exposições que viu, gente que foi encontrando. Engraçada aquela sua insistência em querer assinar as crônicas na Manchete com o pseudônimo de Teresa Quadros. E é sintomático que vocês dois, lá pelas tantas, debruçam-se sobre “A imitação de Cristo”.

E os projetos começados e abandonados? Livros esboçados e metamorfoseados? São inúmeros. Mas uma coisa, entre tantas, foi-se desenhando em minha cabeça: como o ano de 1956 foi importante em nossa literatura. Vocês dois (e as pessoas sensíveis do país) ficaram então estatelados diante da genialidade do recém-lançado: “Grande Sertão: Veredas”. Mas naquele ano surgiu também “O encontro marcado” do Fernando, que você comenta amorosamente, dizendo-se pertencer também àquela geração. Mas interessante é que o seu “A maçã no escuro”, foi terminado também em 1956, embora só viesse a público em 1961. E você diz: “É curioso como seu livro e o meu têm a mesma raiz”. E mais: “Fernando, o fato de você ter escrito este livro e eu ter escrito o meu, não é começo de maturidade?”. Por isto é que penso que 1956 é um ano realmente singular. Seria deliciosamente instrutivo fazer uma leitura desses dois livros assinalando como ambos, sem misticismo, tratam o fazer artístico como uma questão de “salvação” e “perdição”.

De resto, minha querida, vendo em suas cartas as dificuldades que tinha para publicar seus livros, informo-lhe que seus livros estão arrasando em vários países, e ainda agora uma tradutora minha na Eslovênia me diz que quer traduzir suas cartas e o Othon Bastos me revelou que quer fazer um espetáculo com esta admirável correspondência com o Sabino, aquele que nasceu homem e cada vez fica mais menino.

Seu, ars

Affonso Romano de Sant’Anna